

PREFÁCIO

Duras vidas Severinas: realidade brasileira e Serviço Social, organizado pelo Núcleo Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Teoria Social, Trabalho e Serviço Social – NUTSS vinculado à Universidade Federal Fluminense, constitui-se em uma importante contribuição para o desvendamento crítico das terríveis contradições constitutivas da realidade brasileira. Um livro elaborado por pesquisadores-intelectuais-militantes que apresentam um conjunto de reflexões sobre os fundamentos da nossa formação sócio-histórica e a fase atual do desenvolvimento do capitalismo no Brasil, ancorados na interlocução que estabelecem com os clássicos do Pensamento Social Brasileiro como Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, Clóvis Moura, Vânia Bambirra e Ruy Mauro Marini.

Tendo como eixo condutor o exame das particularidades da inserção capitalista dependente do Brasil na economia mundial e seus reflexos na luta de classes, a obra evidencia os nexos entre capitalismo dependente, superexploração da força de trabalho, desigualdades de classe, raça, gênero e etnia e a dominação burguesa no Brasil.

A partir da identificação destes nexos, os textos analisam como se manifestam as faces contemporâneas do capitalismo dependente expressas no ultraneoliberalismo e no conservadorismo, desvendando os desafios que o atual contexto econômico, político, social e ídeo-cultural apresenta para a formação e o trabalho profissional do/a assistente social.

No Brasil, a violência e o ódio de classe inerentes à ordem burguesa ganham contornos definidos pela própria natureza da burguesia interna, conforme nos esclarece o pensamento florestaniano. Daí a importância de realizarmos o exame das particularidades da formação social brasileira inscrito na totalidade social capitalista, apreendendo como a superexploração da força de trabalho demanda uma ação contrarrevolucionária prolongada no sentido de garantir a movimentação lucrativa para o imperialismo e para a burguesia interna, como afirmava Florestan Fernandes.

Tal elemento estruturante do capitalismo dependente faz com que os mecanismos de sobre apropriação e sobre expropriação capitalistas sejam permanentes, operando uma espoliação violenta pela depleção constante de suas riquezas, caracterizando o padrão dual de expropriação do excedente econômico que, associado ao padrão compósito de hegemonia burguesa, articula os interesses locais e internacionais para reprodução da ordem do capital.

O perfil ultraconservador da burguesia brasileira e suas ações antissociais e antinacionais de exploração crescente da força de trabalho, de exportação de parte do excedente econômico para os centros imperialistas e de intensificação das desigualdades econômicas e sociais formatam uma modalidade duplamente rapinante do capitalismo forjada por uma mentalidade burguesa herdada da mentalidade do senhor rural extremamente reacionária, egoísta e estreita, gerando frações da classe trabalhadora apartadas do acesso às condições mínimas de vida inerentes ao próprio capitalismo. É neste quadro que o ódio de classe se articula ao racismo, a aversão aos indígenas, a homofobia e a misoginia.

Neste sentido, qualquer avanço na reivindicação dos direitos da classe trabalhadora, ainda que relativo e absolutamente dentro da ordem burguesa, provoca estados de extrema rigidez que demandam um papel central do Estado brasileiro: organizar a polícia, as forças armadas e o aparato judiciário para reprimir, prender, disciplinar e, se for necessário,

exterminar, manifestando, assim, traços da fascistização das estruturas de poder tão caras à autocracia burguesa no capitalismo dependente, como analisava Florestan Fernandes em sua vasta obra.

O saudoso intelectual militante Florestan Fernandes, destaca no livro *Poder e contrapoder na América Latina* (1981) que os regimes fascistas foram derrotados, o fascismo como ideologia, entretanto, persiste até hoje, mesmo que de modo difuso, através de traços mais ou menos abertos ou dissimulados, especialmente em países capitalistas dependentes, como o Brasil, onde o autoritarismo é largamente intensificado e reciclado.

Estes traços fascistóides, para o autor, apresentam certas continuidades culturais herdadas das estruturas autoritárias de poder do colonialismo, mas não se constituem em meros produtos do Brasil colônia. O fascismo, para Florestan Fernandes (1981) é uma força moderna associada aos interesses imperialistas na periferia do capitalismo. É neste sentido que os processos de fascistização buscam a neutralização da oposição política e o controle da comunicação de massas, da economia e das políticas sociais (especialmente a educação).

Os processos de fascistização combinam, desta forma, uma política econômica ultraneoliberal afinada com os interesses imperialistas com a difusão de valores conservadores que encontram suas raízes na mentalidade colonial, mas são revitalizadas sob novas expressões na atualidade. Para apreendermos a essência destes processos e como aprofundam um padrão autocrático da acumulação do capital em nosso país, a leitura de *Duras vidas Severinas: realidade brasileira e Serviço Social* é tarefa imprescindível.

Cada capítulo da obra analisa, com densidade e rigor teórico, as faces atuais da contrarrevolução burguesa preventiva e prolongada, explicitando como ocorre, hoje, no Brasil, o acirramento destas formas fascistóides de poder político pelo recrudescimento das desigualdades de classe, gênero e raça, pela militarização das estruturas de poder, pelo avanço da pauta ultraneoliberal e a mercantilização dos serviços públicos - incidindo no trabalho dos/as assistentes sociais e pelos ataques sistemáticos à universidade pública, impactando diretamente na formação profissional dos/as assistentes sociais.

Trata-se de um livro denso e pulsante, que nos convida à reflexão crítica e à ação política; uma leitura obrigatória para todos e todas, especialmente os/as assistentes sociais que lutam cotidianamente pela superação das formas de sociabilidade do capital que, em nosso país, assumem a sua face mais violenta e cruel pelas marcas do capitalismo dependente.

Kátia Lima.
Agosto, 2022